



OS HERDEIROS DE ZUMBI

Éles queriam ser livres. Fugiram do cativeiro, atravessaram longas terras e chegaram a Sibaúma, praia do Rio Grande do Norte cheia de dunas e palmeiras. Ali, no século passado, fundaram um reduto contra a escravidão. O quilombo de Sibaúma ainda existe. Seus moradores de hoje, embora isolados na pobreza, se orgulham do legado que receberam e que querem transmitir a seus filhos: a posse da terra e o sentimento de liberdade. Mas na expressão dos mais velhos se lê o temor de que um dia desapareça essa comunidade de sêres livres.

Texto de Talvani Guedes da Fonseca - Fotos de Jorge Bodanzky





É raro alguém ir lá

O jipe parou na margem direita do rio Catu, em Canguaretama, a 70 quilômetros de Natal. O motorista avisou:

— Daqui por diante, não tem mais estrada, móço. Em Sibáuma, não vai carro.

Já havíamos perguntado a uma porção de gente onde fica Sibáuma, e ninguém sabia. Histórias quase lendárias falavam de um bando de negros, descendentes de escravos fugidos, que vivia naquela região. A história oficial do Rio Grande do Norte, publicada pelo Governo do Estado, não dedica uma linha ao assunto. O povo, porém, sobretudo o do litoral sul, sabe que Sibáuma existe. O problema era encontrá-la: pouca gente se atreveu a ir lá, com medo de ver de perto aqueles negros. Em Goianinha, uma mulher se assustou quando lhe dissemos que iríamos a Sibáuma.

— Vocês vão ver os caboclinhos? Eu é que não ia. São uns pretos baixinhos mas valentes. Eu sei porque vi, quando era mais pequena.

A estrada termina na beira do rio. dali por diante, praticamente não há caminho, uma planície sequeira, um coqueiral imenso, nada de vestígio de gente. Atravessamos o rio, com água pelo peito, e entramos no coqueiral. Adiante, a 2 quilômetros mais ou menos, avistamos outro rio. Na água suja, um rapaz bem moreno tomava banho, ninho em pélo. Quando nos viu, parou, ficou olhando.

— Pra que lado fica Sibáuma?

— Desta banda do rio pra cá já é Sibáuma. Eu vou pra lá.

Vestiu um calção desbotado, de algodão, e começou a andar. Assovava um dos sucessos de Roberto Carlos, a música *É Meu, É Meu, É Meu*, Margaremas o rio por uns 800 metros, entramos no mangue cheio de caranguejos, saímos diante de umas dunas, brancas, com uns 10 metros de altura em alguns pontos. Lá de cima, o rapaz apontou para a direita:

— Lá é Sibáuma, móço.

Tinhamos diante dos olhos a primeira imagem do que restava de um quilombo. Uma bela visão: o mar muito azul, as dunas muito brancas, os verdes coqueiros, as palhoças cobertas de telhas, a sensação de silêncio a dominar tudo.

Afinal, Sibáuma: uma pequena vila, com nove casas à vista, afastadas 10 metros uma da outra. Uma rua de um lado só. Em redor, areia, coqueiros, mato.

Assim que descemos a duna e entramos na vila, apareceram uns meninos atrás da gente. E foram aparecendo mulheres, homens e um cão vira-lata que nos recebia, os forasteiros, com intenções pouco amistosas. Começávamos o nosso primeiro contato com a gente de Sibáuma.

"É a terra da gente"

As casas de Sibáuma são quase todas iguais: pobres, sujas, com piso de terra batida, sem móveis. Umhas poucas têm mesas e uma cama de casal. O restante da família dorme em rédes. Para sentar, tanto nos alpendres como dentro de casa, existem tamboretos. O conjunto de palhoças é apenas o centro de Sibáuma. A terra é maior, tem 12 quilômetros quadrados; na mata, morando em palhoças espalhadas entre roçados de mandioca, vivem mais catorze famílias.

De dentro da casa vinha o som fanhoso de um rádio de pilha — outra música de Roberto Carlos, que uma mulher acompanhava quase aos gritos, no fundo do quintal. Ali no alpendre, os homens começavam a se aproximar com um bom dia escabulhado, em voz baixa. Puxando um tamborete para perto, esperavam alguma coisa, qualquer coisa: éramos de fora e só poderíamos querer alguma coisa. Raramente aparece alguém por aqueles bandos, mesmo moradores de fazendas vizinhas.

Os meninos reagiam de maneira diferente. Sentados no chão, sujos e mal vestidos, alguns, com verminhos denunciada pela barriga-d'água, iam cada vez que seus olhos se encontravam com os nossos. No chão, um garoto menorzinho engatinhava a empurrar uma lata vazia de talco. A perna esquerda tinha feridas.

Na porta da palhoça, um sinal da civilização: a sigla CEM (Campanha de Erradicação da Malária), escrita com lápis azul.

— Os senhores são da malária? — perguntou uma mulher.

— Somos de São Paulo, Viemos conhecer Sibáuma.



Em Sibáuma, ninguém sabe ler nem escrever. Otto crianças chegaram a frequentar uma escola há alguns anos, mas tiveram de abandonar o estudo, porque não aprenderam: de volta a casa, não tinham quem as ajudasse nas lições. Os jovens não querem mais essa vida de horizonte limitado: só esperam a hora de servir ao Exército para deixar esse mundo que os velhos aceitam conformados. Já não lhes basta a promessa de uma vida com liberdade, mas muito triste.



Até hoje Sibaúma é a terra da liberdade

QUILOMBO Os homens da malária são os únicos visitantes habituais de Sibaúma. Aparecem com intervalos de muitos meses, às vezes de um ano ou mais, e estão sempre a se revezar. Chegam, examinam cada jarra de água com uma lanterna, escrevem a sigla nas portas e somem. Um serviço simples, primário, e sem resultado: a água que se bebe em Sibaúma vem do rio, é suja, amarelada, com gosto de barro.

Embora situada a 70 quilômetros de Natal, a capital do Estado, Sibaúma vive em completo isolamento. A chegada de estranhos sempre significa alguma coisa especial: ou é o pessoal da malária, ou gente querendo comprar cêco, ou homens da lei para resolver questões de terra.

A mulherzinha deu uma ordem a alguém:

— Chama o velho Eduardo. O preto velho saiu de uma casa de taipa, a única com telhado, e caminhou em nossa direção. Veio devagar, pela sombra do coqueiral, descalço, como todos os outros que estavam ali. Camisa azul, de chita barata, um calção de saco de farinha de muitos remendos, o cansaço no rosto e nas pernas. Sem erro, um homem de mais de oitenta anos. O velho abriu a boca num sorriso sem nenhum dente e se sentou ao nosso lado. Por ser o homem mais velho de Sibaúma, fala pelos outros. É o chefe: Eduardo Leandro Barbosa, filho de Henrique Leandro Barbosa e Maria Petronilha do Amor Divino, neto de Leandro Barbosa, bisneto de escravo fugido.

Até hem pouco tempo, o chefe era Antônio Caetano, preto de mais de cem anos. Sua idade nunca se soube ao certo: em Sibaúma, ninguém sabe quantos anos tem, nem mesmo os adolescentes, os jovens. Antônio Caetano morreu talvez no ano passado. Quando, mesmo, não há quem se lembre. A noção de tempo entre o povo dali é confusa, imprecisa. Eles começam dizendo "faz uns dias", depois corrigem para "semanas", por fim fazem uma comparação: apontam para um menino de uns dois anos, sentado na areia:

— Foi quando esse menino nasceu que Antônio morreu. O velho Eduardo não gosta de falar. Descobersa, com um sorriso:

— Aqui só tem essa negrada, e é tudo.

Aos poucos, ele se vai desarramando, fica à vontade, conta coisas. Em torno forma-se a roda de curiosos. As mulheres largam a cozinha, postam-se diante da casa, uma criança no colo ou pela mão, fazem esforço para não perder nada da conversa.

— Aqui num teve cativo, inhô-sim. Filho de cativo teve, sim.

O preto velho diz isso com orgulho. Sibaúma só existe por causa da escravidão, mas é a terra da liberdade, até hoje. Lá, ninguém manda em ninguém. Cada um é dono de sua vida, do seu trabalho — e todos são donos da terra. Uma terra sem cêrcas nem feitores.

— Essa terra é da gente, inhô-sim. Num tem cercado nem marcação. Nós sabemos que ela começa ali na beira do rio Cunbã, na praia, e vai dar no rio Água Ruim. De lá pra diante, pega assim, de banda (largura), do morro alvo até a ponta da praia de Pipa: É grande, sim, inhô-sim. Só falta inveno e ajuda. É a terra da gente.

Doña Antônio, a boa memória

— Nós semo mais nôvo. Num gravamo na mentalidade o que os avôres diziam. Mas Sibaúma começou com um preto, isso é verdade, inhô-sim.

O velho Eduardo não se lembra da história de Sibaúma com detalhes. Mas sua irmã Antônio Camilo, mais velha que ele, conhece todo o passado da terra. Velha, à pele escura engelhada no rosto e nos braços, comadre Antônio Camilo nunca recusa quando lhe pedem para repetir o que sabe. Senta num tamborete do alpendre, acende o cachimbo de fumo de corda, puxa a saia para dentro das pernas e fala com uma voz rouca, suave, cortada por longas pausas:

— Que nós semo descendentes de cativo, inhô-sim, todo mundo sabe. A cor num esconde isso. Eu já soube dessa história por minha vô, faz muito tempo. Ela dizia que a gente veio de um preto cativo, chamado Cosme de Sousa, Homem valente. Cosme era bom e nôço pra morrer com um prego enfiado nas orelhas, como cêo ladrão. Apinhava do feitor, do fio do senhor, de todo

ZUMBI MORREU LUTANDO

A fuga para o mato era a reação mais simples e frequente dos negros contra a escravidão, e no Brasil começou em 1590, quando Tomé de Sousa recebeu a primeira leva de práticos, por ordem do Rei D. João III. Na floresta, àlea formavam o quilombo, aldeamento protegido por palçadas e no qual faziam os mocambos, pequenos agrupamentos de casas primitivas, cobertas de folhas de palmeira.

Zumbi passou à história como o principal chefe do quilombo de Palmares, Pernambuco, onde durante cêrcas de um século se abrigaram as multidões da negreza que desertavam do trabalho escravo. Na floresta, que conheciam como ninguém, os quilombolas resistiram a pelo menos dezesseis expedições, desde a de Bartolomeu Seixera, em 1602, à de Domingos Jorge Velho, em 1694, quando, afinal, o quilombo foi arrasado.

Comandante militar de Palmares, Zumbi assumiu a chefia do quilombo depois que

seu tio, o Rei Ganga-Zumba, foi executado pelos próprios negros por aceitar a paz dos brancos, em 1678. Zumbi, que lutava desde antes de 1675, quando se feriu na perna e ficou aleijado, recusou depor as armas, passou a dirigir o quilombo e deu início a uma nova fase da resistência. Sua luta continuaria mesmo depois de destruída a última cidadela do quilombo, o reduto do Macaco. Com vinte homens fiéis, ele se internou no mato, onde, delatado por um mulato, foi morto e decapitado pelo Capitão André Furtado de Mendonça. Sua cabeça foi exposta num poste e exibida numa praça pública do Recife, para servir de exemplo aos negros.

A mensagem de liberdade do quilombo projetava-se à distância e através do tempo: em 1839, era destruído mais ao Sul do País, em Pati do Alferes, Estado do Rio, o quilombo de Manuel Congo. A força da mística de Zumbi encontrava seguidores quase um século e meio depois de seu sacrifício.



Eduardo é o mais velho. Quando fala, os demais ouvem.

As dunas avançam, os homens vão recuando

QUILOMBO

CONTINUAÇÃO

mundo. Ele fugiu do cativoiro, no Engenho Tacims de Cima, pra num levar mais surra. Fugiu e veio pra cá, pro mato. Minha vó dizia que isso daqui era só mato. E a mãe de minha vó, inhô-sim, que eu conheci, dizia assim: "Ói, minha fia, isso aqui é de vocês. Num tem feitor nem dono". E contava as historia de prêto fugindo pro mato, com os cachorro atrás.

Comadre Antônia Camilo fala com segurança. Dá nomes, lugares, fatos, não vacila um só instante.

— O prêto Cosme num veio só. Com êle também veio quatro fias, todas moca: Maria, Francelina, Belarmina e Helena. A miudê ôlle parece que morreu. As moca ficaram grande, formosa, bonitona. Ai, inhô-sim, apareceu por essas banda um sordado, Manê Vidal de Negreiros, vindo da Paraíba. Gostou de Belarmina, casou com ela, como gente livre. Belarmina era filha liberta, num era mais cativa.

A terra de Sibáuma, até então de ninguém, foi legalizada. Com a ajuda de Manuel Vidal de Negreiros, Cosme de Sousa constituiu-se proprietário, já nos últimos anos de vida. Todas as suas filhas se casaram. Francelina, com Leandro Barbosa, cativo fugido; Maria, com um tal de Caetano. Manuel e Belarmina tiveram uma filha, Paulina, que modificou o título de propriedade de Sibáuma e deixou como donos também os Leandro e os Caetano. Paulina é a mãe-môça das histórias que se contam até hoje. A fantasia transformou-a numa mulher branca, alta, "olhos verdes como o mar", diz comadre Antônia Camilo. A escritura, a primeira da terra, foi levada por Paulina para o "estrangeiro". O "estrangeiro", é Recife, Pernambuco.

— Se o inhô-sim quiser a escritura — sugere comadre Antônia Camilo — é só procurar. Adispos de levar os papéis, Paulina mandou recado pra gente ir buscar de volta. Nunca fumo.

Formiga, seca, derrota

Com o tempo, Sibáuma está encolhendo. Os mais velhos se lembram da época, ainda eram meninos, em que a praia ficava pertinho das casas. Agora, a praia está a quase 1 quilôme-

tro: com a erosão natural, as dunas vão cobrindo casas, coqueiros. De geração em geração — esta é a quarta de Sibáuma — os homens vão recuando. As dunas avançam, cobrem suas casas, êles as reconstróem mais atrás.

Do lado que dá para a praia, Sibáuma tem 2 quilômetros de largura. Terra adentro, no sentido do comprimento, mede 6 quilômetros. Em sua maior parte, a terra é árida, mas uma picada aberta entre as palhoças leva à terra boa, o alagadique, quase um plantão, onde nasce tudo o que se planta. Ali está a riqueza de Sibáuma: os roçados de cada morador.

Velhos e moços, dos setenta aos quinze anos, todos os homens trabalham. Saem de manhã cedo, carregando foices e enxadas, e só retornam quando o sol se põe. Cada um é dono de sua terra e do fruto de seu trabalho. Pegam na enxada, plantam, colhem, fazem farinha. São proprietários da terra, mas na aparência e nos modos não se diferenciam do lavrador comum. Só que trabalham para si mesmos, e não em regime de meia — metade da produção vai para o dono da terra —, como acontece em toda aquela região.

Os homens de Sibáuma não são vistos como fazendeiros pela vizinhança. São apenas "os negrão de Sibáuma". E nem êles se consideram diferentes do lavrador comum, que trata a terra alheia. Na casa de farinha, 4 ou 5 quilômetros adiante, êles ficam lado a lado com um camponês, falam dos mesmos e únicos assuntos: à roça, o inverno que não vem, a praga que deu na plantação. Nem sempre a recompensa da terra é boa. O inverno fraco pode pôr a perder o trabalho duro de semanas inteiras, porque a colheita é quase nada, irrisória. E a praga destrói tudo quando chega. No meio da mata há espaços em branco, com sinais de que ali já houve um roçado. São as marcas da praga ou do inverno ruim: em Sibáuma ninguém planta a segunda vez no lugar onde deu praga ou não cheveu.

As culturas são as mais simples possíveis — mandioca, milho, feijão — e tratadas da forma mais elementar. Apenas as formigas são combatidas, mas sem resultados. O método é antigo, primário: atear fogo nos

formigueiros, para as formigas não saírem. Mas não adianta: elas saem por outros canais, sob a terra, cortam toda a lavoura, liquidam tudo. Os homens cruzam os braços, derrotados. Esperam nôvo inverno, plantam, colhem o que há. E assim continuam vivendo em Sibáuma, enquanto nas vizinhanças já se usam o trator, a formicida, o adubo, a irrigação.

Sibáuma nunca precisou sair de dentro de si mesma. Por isso continua sua vida de quilombo — primitiva, miserável, mas independente. Se todos têm o que comer, onde trabalhar, onde dormir e sonhar, para que deixar a terra que é deles?

— Melhor se pobre em nossa terra que tê sinhô feitor mandando.

A história de Guilherme Fortalece nos antigos à impressão



As moca de Sibáuma se casam cedo. Mas agora não escolhem marido apenas dentro do grupo: algumas se casaram com brancos ou mulatos de fora e tiveram filhos mais claros. Sibáuma começa a deixar de viver para si.

Um drama: o que oferecer aos mais novos?

de que Sibáúma é o melhor dos mundos. Guilherme saiu de lá num inverno ruim, em 1950, para trabalhar num engenho de Goiânia. Trabalhou seis meses no canavial, depois dividiu a colheita com o dono da terra. Sofreu intrigas, voltou magro e doente. Os que ficaram em Sibáúma, no inverno ruim, continuaram do mesmo jeito, mas donos de seu pedaço de chão.

A morte, como as crianças

Mas os jovens de Sibáúma começam a pensar diferente. Quase inconscientemente, eles absorvem a influência de fora. A maior aspiração de um rapaz é ter um rádio de pilha, ou um toca-disco, como o de Pedro Moura, uma moço que mora na praia de Pipa e que vez por outra aparece em Sibáúma com discos de Roberto Carlos e Bienvenido Granda, um cantor de boleros que há

muitos anos fez sucesso no Rio. Outro sonho do jovem de Sibáúma é o Exército. Ele espera atingir os dezotois anos e ser chamado para o serviço militar. É uma maneira de deixar Sibáúma sem o risco de morrer de fome na cidade. O exemplo de Pedro, filho do velho Eduardo, exerce fascínio sobre os rapazes, apesar de seu desfecho trágico. Pedro servia ao Exército e morreu num desastre de caminhão, como terceiro-sargento. O Exército levou seu corpo para Sibáúma, onde ele foi enterrado, e todos os meses envia uma pensão para a sua família. São mais de 400 cruzeiros novos — uma fortuna em Sibáúma. Com esse dinheiro vivem cinco famílias — a do pai, duas irmãs e dois tios.

Quando um jovem diz que vai tentar a vida na cidade, os prontos velhos silenciam. Eles não têm uma perspectiva de vida a oferecer aos mais no-

vos. São incapazes de transmitir aos jovens até mesmo os costumes que herdaram dos escravos fugidos que criaram Sibáúma, como a dança do zambê. Um preto batia o zambê — tambor feito de um tronco óco, coberto de couro nas extremidades —, esquento os demais dançavam. O velho Eduardo se lembra do tempo em que seu pai e seus tios ficavam o dia inteiro debaixo do coqueiral dançando zambê e cantando versos que falavam da vida difícil do negro:

"Nêgo, nêgo num drome
Só leva a vida a apanhá
Levando surra de branco
Só presta pra trabalhá".
Já vai distante o tempo em que Sibáúma era uma comunidade independente que vivia do que produzia, bastava a si mesma. Apesar do isolamento, o negro de Sibáúma pouco a pouco se deixou assimilar. Perdeu sua cultura, sua linguagem, passou a usar tudo o que bran-

co usa — a mesma vestimenta, a mesma comida, a mesma agricultura. E algumas de suas mulheres se casaram fora do grupo: três delas têm maridos brancos ou mulatos. Seus filhos já não são tão pretos quanto o velho Eduardo.

A única coisa que os mais velhos têm a transmitir aos novos, além da terra, é o sentimento de liberdade que passa de pai para filho. Mas só essa liberdade, ou o sentimento de liberdade, não basta. A comunidade cresceu, tem agora mais de trezentas pessoas, certamente morrerá se não abandonar a agricultura primitiva. Morrerá como as crianças de Sibáúma, que não têm um médico para tratá-las.

Madar, sim. Mas como?

Sibáúma é livre, mas triste, porque sua economia é muito pobre. Entre seus moradores, praticamente não se usa di-

QUILOMBO
CONSTRUÇÃO

UMA TERRA SEM HISTÓRIA



A memória da velha Antônia Camilo é toda a história de Sibáúma, sobre a qual não há uma única citação no Museu Histórico do Rio Grande do Norte. Luís de Câmara Cascudo, historiador oficial do Estado, tampouco conhece o assunto. Os dicionários não lhe fazem referência. Apenas o Leão Universal contém uma menção a Sibáúma: "nome de uma rua do Rio Grande do Norte".

Em Barra do Cunhaú, praia do litoral sul, perto de Sibáúma, um velho pescador conta a história que ouviu dos avós — uma história fantástica:

— Esses negros não de fora. Já ouvi falar, quando menino, que eles vieram num

navio de escravos, e a embarcação foi a pique. Nadearam até a costa, deram na terra de Sibáúma e nunca mais saíram de lá.

A verdade é fantástica, porque, quando os negros se instalaram em Sibáúma, no começo do século XIX, o tráfico de escravos havia diminuído bastante. O mercado negro de ostivos, para todos os Estados do Nordeste, localizava-se em Pernambuco. Os navios vinham da África e terminavam a viagem em Salvador ou no Recife. Se um senhor de engenho do Rio Grande do Norte precisava de escravos, mandava buscá-los em Pernambuco, de onde eles seguiam por terra, e não de navio.

Em um estudo sobre o negro no Rio Grande do Norte, Luís de Câmara Cascudo afirma que a escravidão não se impôs economicamente no Estado, ao contrário do que ocorreu em Pernambuco. Lá no Rio Grande do Norte, não houve grandes plantações de cana-de-açúcar. A grande maioria dos escravos foi para

o sertão, onde suas atividades se resumiam à criação de gado e ao cultivo de milho, feijão e mandioca. No sertão, o escravo recebia tratamento diferente daquele que caía na senzala dos engenhos. Transformava-se em vaqueiro, cantador, andarião. A pobreza da região e a semelhança das tarefas reduziam a distância social entre o escravo e o seu senhor. O negro custava caro, nem todos podiam comprá-lo.

A região onde se localiza Sibáúma é rica em cana-de-açúcar. Lá, a escravidão deu lucro aos mercadores de negros e donos de engenho. Em 1805, os municípios de Arés, Goiânia, Cangaruatama (antiga Vila Flor) e São José do Mipibu reuniram, legalmente, 2 048 escravos, enquanto a população negra total do Estado atingia a pouco mais de 8 mil pessoas. O trabalho cativo era indispensável para o funcionamento dos engenhos de açúcar. No resto do Estado, porém, que absorvia ainda quase 6 mil negros, forme-

ve-se um contraste: a maioria dos donos de terra não sabia como aproveitar a mão-de-obra do negro. Por isso, a campanha abolicionista logo teve sucesso no Rio Grande do Norte: em 1848, quarenta anos antes da Lei Áurea, um senador da província, Gasimiro José de Sene, assegurava que "o trabalho escravo não é necessário ao Rio Grande".

Apesar da campanha, a senzala do Rio Grande do Norte era igual a todas as outras. Havia o feitor, a chibata, o tronco para o castigo do negro — e o sonho de liberdade. Foi de uma dessas senzalas que saiu o fundador de Sibáúma.

— Não tivemos quilombos nem rebeliões negras no Rio Grande do Norte — diz Câmara Cascudo.

— Cozme de Souza fugiu do cativo e veio pra cá, pra mata — diz a negra Antônia Camilo.

— Além de sua voz, Sibáúma pede o lugar que lhe negamos na história dos quilombos.

É livre, mas triste

nheiro. Só Dona Zefa, que tem uma hodega, dedica-se ao comércio, vendendo a cachapa, que osene e lóforos que compra na feira de Pipa. Os outros habitantes vivem na base da troca: pedem açúcar, pagam com café; dão feijão, recebem farinha.

Como cada homem tem seu roçado, a produção não precisa ser dividida com ninguém. A produção de feijão, milho e mandioca fica estocada, para o consumo durante o ano. É pouca, muito pouca: os 23 roçados, de 2 alqueires cada um, produziram no ano passado 4 500 quilos de farinha, feijão e milho. Cada família guarda sua parte, e vai comendo. Algumas vendem parte de sua produção, na feira, e com o dinheiro que apuram compram o que falta: carne, peixe, açúcar, café. Uma vez por ano, compram roupas — uma calça, uma camisa, uma alpercata de rubicho. Só não compram sementes, porque isso cada um guarda em casa, o suficiente para roçar antes do inverno.

Na vida triste de Sibáuma, todos sabem que é preciso mudar alguma coisa, mas há o medo de que a mudança seja muito brusca. E, para mudar, Sibáuma precisa de ajuda. O velho Eduardo tem consciência disso:

— Os homens do governo vão ter que olhar pra gente. A terra é boa, pode produzir. Os mais moço tão aí, querendo trabalhá. Nós, os véio, não: tamo no fim. A terra tá aí, fica. Só falta quem olhe pra ela.

Padre Armando, o esperado

Mas não é fácil mudar. Em 1961, oito meninos de Sibáuma frequentaram a escola de Barra do Cunhaú, a 4 quilômetros. Passaram um ano lá e nenhum aprendeu a ler. A Professora Josefa Paulina da Silva conta que fez o que pôde, mas em vão:

— Os meninos faziam o caminho a pé, diariamente. Muitas vezes, sem ter comido nada. Depois, como iriam praticar exercícios em Sibáuma, se lá ninguém sabe ler?

O maior esforço para uma mudança foi feito por Padre Armando, da Missão Rural de Golaninha, que apareceu lá pela primeira vez em 6 de dezembro de 1962, data grava-

da atrás de um coqueiro, numa tábu.

Padre Armando ouvira falar de Sibáuma, uma terra lendaria, de préto, onde ninguém ia. Sua missão seria trazer para a Igreja e para a civilização o povo abandonado. Um dia, juntou uma equipe de jovens, foi até à praia de Pipa e de lá caminhou 6 quilômetros até Sibáuma. Não encontrou os homens, que estavam todos na roça. Falou então com as mulheres, disse-lhes que voltaria no mês seguinte, de jipe, se os homens de lá abrissem uma picada no tabuleiro. Em uma semana, os homens fizeram a picada e mandaram chamar o padre. Então, Sibáuma viu o primeiro jipe rodar no seu areal — o primeiro e último.

Nesse dia, Padre Armando correu toda a terra, visitou até as famílias que moravam mais longe. Duas jovens assistentes sociais, Lurdinha e Margarida, foram com ele para fazer um levantamento sumário das condições de vida em Sibáuma. As moças cuidaram das crianças, fazendo curativos, examinando garganta, orientando as mães sobre higiene, dando remédios contra a verminose. De nada adiantaram os conselhos sobre alimentação: em Sibáuma, a criança só vê leite quando nasce — o leite materno.

O levantamento da alfabetização surpreendeu o padre: ninguém sabia ler. Mas todos, sem exceção, do mais moço ao mais velho, estavam dispostos a aprender. Padre Armando sugeriu que eles mesmos fizessem uma escola. Seria uma casa comum, de palha ou taipa, coberta de telhas. O material escolar — carteiras, quadro-negro, cadernos, lápis — ele traria de Golaninha. Até hoje, o galpão da escola está lá, pela metade. São doze estacas e um telhado, sem paredes. Nunca mais Padre Armando apareceu, nem fez nem as assistentes sociais. Na paróquia informaram que ele não vai mais a Sibáuma por falta de tempo e recursos.

Um de mentalidade fraca

Pedro Camilo, sobrinho de Gaspar, um dos herdeiros, desmontou como líder em Sibáuma quando descobriu que ele sabia manter uma conversa desembracada com gente de fora. Magro, a pele bem

MOZTE



Helene Curtis só pede 6 semanas para dar saúde e beleza a seus cabelos. Com Endoten

6 frascos para 6 semanas, cada qual com ação específica:
N.º 1 tem ação de choque, preparatória, ajuda a nutrição do bulbo capilar;
N.º 2 tem ação antisséptica, elimina a caspa e equilibra as secreções sebáceas;
N.º 3 e 4 têm ação tônica e vitalizadora, que estimulam o crescimento dos cabelos;
e N.º 5 e 6 ação vitamínica e nutriente, que eliminam as enfermidades do cabelo nutrindo-o com os elementos e vitaminas essenciais à sua saúde.
 Ao final do tratamento, V. não terá mais problemas com queda dos cabelos, caspa, ressecamento e má circulação do bulbo capilar. Criado por quem mais sabe de cabelos em todo o mundo - Helene Curtis.



ENDOTEN

um produto NIASI





Quando fôr preciso retocar a maquilagem



...ou quando fôr preciso removê-la, use o lenço-papel

yes*



É mais prático.

Macio, absorvente e muito higiênico também.

* Marca de Fábrica

A terra é cobiçada

preta, Pedro se projetou no dia em que apareceu um senhor de Natal, querendo comprar o coqueiral de Sibáuma. O homem tentou provar que a terra era devoluta, sem dono, e ninguém sabia como resistir a seus argumentos. Pedro adiantou-se e passou a fazer perguntas, quis ver documentos, alguma prova de que a terra não era dêles. No fim, o homem apeliou para o dinheiro: daria 100 cruzeiros novos pelos coqueiros, mais de mil. A terra continuaria a ser dos herdeiros de Sibáuma, só os coqueiros mudariam de dono. Pedro Camilo recusou a oferta: se vendesse a plantação, ninguém mais em Sibáuma poderia tomar água de côco ou subir no coqueiral.

A expertise de Pedro Camilo deu-lhe uma posição de destaque na comunidade, em certos casos maior que a do velho Eduardo. Só de uns tempos para cá seu prestígio sofreu um arranhão, porque êle não conseguiu impedir que um vizinho, Manuel Emeterio, arrebatasse uma faixa de 3 alqueires de Sibáuma. Emeterio aproveitou uma faixa do alagadiço, fez um roçado e o cercou. Quando Gaspar quis saber por que êle fizera isso, quase apanhou. Camilo procurou o juiz, explicou o caso. Após um mês de discussão, seguiu o conselho do juiz: decidir amigavelmente com Emeterio, numa conversa. E Pedro Camilo foi na conversa: Sibáuma perdendo mesmo os 3 alqueires. Agora, quando surge qualquer problema com a propriedade, Pedro Camilo só começa a tratar depois que os herdeiros se reúnem.

— Pedro Camilo — diz o velho Eduardo — só tem expertise no falar. No acertar, é bronco e de mentalidade fraca.

Um certo Capitão Soares

Sibáuma tem escritura — feita não se sabe como — no cartório de Goiânia, em nome de quatro herdeiros: Eduardo Leandro, Antônio Camilo, Gaspar Leandro Barbosa e Amisio Caetano. Paga impostos, mas está atrasada há dois anos,

por falta de dinheiro. E tem advogado, mantido pelo Sindicato Rural de Goiânia. É uma necessidade; muita gente já quis temar a terra de Sibáuma.

Logo depois da Abolição, um tal Capitão Soares, senhor de engenho em Barra do Cunhaú, tentou expulsar os negros de Sibáuma. Muitos anos mais tarde, um seu sobrinho, Manuel Soares, conseguiu ficar com a terra. O velho Eduardo, na época um rapazinho, foi o único que resistiu:

— Os negros — conta — tôda a vida foram medroso. Quando êsse tá Manuel Soares apareceu, trazendo seus home, com arma e tudo, as muiéres deram de chorar. Pediram por tudo pra gente não querer briga. E os home saíram. Uns foram para a beira da praia, do outro lado do rio, e outros pra Vila Flor. Eu fiquei, inhô-sim. A mocrada de meu pai ficava mais adiante, perto do morrão de areia. Passei três noite e três dia lá dentro. Nam sai. Fiquei sem comer, sem dormir, só pra mostrar que a terra tem dono. Mas os negro viero de noite, meteram história que iam acabar com minha família, se eu ficasse, e terminei saindo. De outro jeito num ia, inhô-sim.

Depois da ocupação, um dos herdeiros, Antônio Caetano, foi a Natal e voltou de lá com um bilhete de João Café Filho, que na época iniciava sua carreira política, e alguns soldados da polícia. Manuel Soares, que estava há um ano na terra, aceitou a lei, mas seu sobrinho Haroldo continuou a briga, sem nada conseguir.

O velho Eduardo só tem uma preocupação: a sobrevivência de Sibáuma. Gaspar, herdeiro como êle, acha natural que a gente de Sibáuma se case com pessoas de fora.

— Pra que deixar tudo continuá prêto? E bom misturá, metôra o sangue e a côr.

Mas Eduardo quer que Sibáuma continue como está, dentro da tradição de Cosme de Sousa:

— Se nós conseguimo isso, Sibáuma num mudará de dono.